

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

BARRIL DE PÓLVORA

As autoridades que temem uma insubordinação de policiais militares liderada por bolsonaristas já discutem o que consideram um elemento complicador em 2022: a desincumbência dos atuais governadores de estado. Eles devem deixar seus cargos em abril, ou seis meses antes das eleições, marcadas para outubro do próximo ano.

DE SAÍDA A preocupação é que os vice-governadores que assumirão o comando dos estados não terão a mesma legitimidade e força para conter algum motim golpista.

DE SAÍDA 2 Os atuais mandatários, sem a caneta na mão e envolvidos em uma campanha eleitoral, também perderão as condições de atuar de forma firme e preventiva.

LINHADIRETA Atualmente nos cargos, os governadores, além de respaldados pelo voto popular, conseguem manter ligação direta com os comandantes das PMs, que já promoveram e com quem estabeleceram relações de confiança. Convivem com a tropa ao frequentar cerimônias e têm condições de mapear a origem de motins para evitar que ganhem corpo.

CLUBE Em 2022, alguns dos mais experientes governadores devem deixar seus cargos para fazer campanha: os da Bahia, Pernambuco, Piauí, Ceará, Maranhão, Alagoas, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

CHAMAQUEM Em caso de um movimento golpista de apoio a Bolsonaro, quem teria legitimidade e coragem para assumir a liderança de um contragolpe, questionam-se alguns dos atuais mandatários e também autoridades do Congresso e do Judiciário.

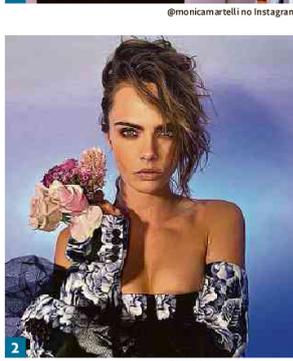
PLANO AGOSTO O nome do procurador-geral da República Augusto Aras começa a se consolidar como um plano B de senadores para ocupar a vaga de Marco Aurélio Melo no Supremo Tribunal Federal (STF). O magistrado se aposentou em julho.

DAS CINZAS O renascimento da candidatura do procurador-geral é consequência do enfraquecimento do nome de André Mendonça, indicado por Jair Bolsonaro para o cargo. Ele precisa ser aprovado pelos senadores, tarefa que ficou mais difícil depois que o presidente decidiu radicalizar com o STF e pedir o impeachment do ministro Alexandre de Moraes.

DAS CINZAS 2 Para que o nome de Aras vingue, no entanto, são necessários vários movimentos: Bolsonaro teria que retirar o nome de Mendonça e mandar o de Aras no lugar. E os bolsonaristas têm repetido que o presidente não fará isso já que prometeu a religiosos indicar um "terivelmente evangélico" como Mendonça para o cargo (Aras é católico).

MELHOR ASSIM Uma outra questão é o temor de que, com a saída de Aras da PGR, procuradores lavajatistas voltem a ganhar força no Ministério Público Federal. A proximidade da subprocuradora Lindora Araújo com a família de Jair Bolsonaro também assusta certos setores políticos. Ela poderia vir a substituir Aras.

NAS REDES



"Tô gata e coloquei a selfie pra jogo mesmo", escreveu a apresentadora Mônica Martelli. A modelo Carla Delevigne publicou um retrato. A atriz Cacau Protásio postou uma selfie. "Se não gosta da minha cara, problema seu", disse

OLÉ, OLÁ O jogo entre Brasil e Argentina pelas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2022 terá a presença de 12 mil torcedores. A partida, que ocorre no dia 5 de setembro, será usada como teste para uma eventual retomada de público em eventos futuros em meio à vacinação e queda nas internações e mortes por Covid-19.

OLÉ 2 Segundo a Secretaria Estadual de Esportes, a vacinação não será critério para a entrada no evento. Os presentes, porém, terão que apresentar comprovante de diagnóstico negativo para a Covid-19 em exames realizados 48 horas antes do jogo. A partida ocorrerá na Neo Química Arena, na zona leste de São Paulo.

UNIDOS A campanha Artistas pelo Pantanal arrecadou R\$ 2 milhões com a venda de obras de arte produzidas por nomes como Vik Muniz, Adriana Varejão e Nuno Ramos. O valor será destinado à aquisição de equipamentos e treinamento de brigadas de incêndio para atender àquele bioma. A iniciativa foi organizada pela rede Documenta Pantanal.

NAPAREDE A mostra "Acervo em Transformação: Doações Recentes" que será inaugurada no dia 27, no Masp, reúne 13 obras de artistas mulheres cedidas ao museu entre 2020 e 2021. Entre os doadores estão os patronos e conselheiros da instituição Rose e Alfredo Setubal, Teresa Bracher e Mônica e Fábio Ulhôa Coelho.

Sonho e pesadelo

Continuação da pág. C1

Se Martin Luther King sempre foi considerado um prodígio em termos acadêmicos, "o letramento racial e político de Malcolm X se deu no ambiente da prisão", afirma o sociólogo Paulo Ramos, doutorando na Universidade de São Paulo e pesquisador ligado ao Afro Cêbra. "Enquanto um frequentava a escola, o outro frequentava a rua."

Segundo Ramos, o processo de edição biográfica por que passam as grandes figuras pós-morte fez com que, sobre King, se operasse o processo de construção do herói e, sobre Malcolm, se ressaltasse o estereótipo do negro violento.

"Os dados que se selecionam a respeito de cada um não são exatamente suas principais características. É uma oposição que se trabalha a partir dos níveis de enfrentamento tático que cada um reconhece como legítimos", argumenta.

"O recurso das armas de fato nunca foi opção para King, mas sobre Malcolm talvez recai o estigma do homem negro violento da rua, o criminoso, o bandido. King, por ser pastor, um cara chamado de doutor, consegue se distinguir desse estigma da violência."

Por exemplo, no contexto de "O Voto ou a Bala", o ativista buscava a sua própria voz como liderança negra, depois de romper com a Nação do Islã, e queria reforçar sua autonomia ao manter o tom crítico ao movimento por direitos civis liderado por King.

"O mais interessante nesse período é como ele tenta vincular o sistema de opressão a que os negros estão submetidos a uma questão de direitos humanos, o que é uma inovação ao se pensar a questão racial dentro dos Estados Unidos", aponta Macedo.

"Quando você eleva a luta pelos direitos civis ao plano dos direitos humanos, pode levar a questão do homem negro neste país às nações que compõem a ONU", diz Malcolm na continuação daquele mesmo discurso. "Os direitos civis mantêm você sob as restrições, sob a jurisdição do Tio Sam. Os direitos civis mantêm você sob o controle dele. Direitos civis significam que você está pedindo ao Tio Sam que trate você bem. Já os direitos humanos são algo com que você nasceu."

Se é verdade que os dois ativistas trilharam caminhos paralelos e mutuamente críticos — só se encontraram uma vez, e foi breve —, prova de que não eram tão antagonicos assim é que quase convergiram ao final de suas curvas trajetórias.

Depois do rompimento com o líder islâmico Elijah Muhammad, Malcolm ensaiou baixar o tom em direção ao movimento liderado por King. E este adotou críticas mais contundentes à Guerra do Vietnã e em defesa de pautas redistributivas, o que o aproximava de certo ideário socialista e abalou sua relação antes estreita com a Casa Branca.

É impossível saber o que aconteceria a seguir, já que, não importa o que pregassem, ambos tiveram suas vidas encerradas violentamente. Foram assassinados a tiros aos 39 anos — Malcolm em 1965 e Luther King em 1968.

Como a estratégia de King foi de certo modo vitoriosa, segundo Macedo, da FGV, ela se tornou hegemônica na maneira como a história das relações raciais nos Estados Unidos é contada. "Isso enquanto Malcolm foi mais para as sombras até os anos 1990, quando sua imagem foi revitalizada por figuras como Spike Lee e a cultura do hip-hop e do rap."

Agora, afirma o professor, é hora de desafiar qualquer representação maniqueísta sobre essas figuras. Quanto a isso, ele gosta de repetir sempre uma frase que atribui ao rapper Mano Brown e cabe aqui. "Todo homem preto é um universo em crise."



O ativista Malcolm X discursa nos Estados Unidos. Divulgação

